

Darcy propõe divisão no ensino

“Eu vivo dias de grande felicidade. Tive muitos na vida sim, mas raros tão solares, que me encham tanto o coração.”

Com a voz rouca e olhos marejados, o senador Darcy Ribeiro (-PDT-RJ) tenta assim explicar a forte emoção que lhe tomou a alma eterna e o frágil corpo de 73 anos quando o Senado aprovou, na quinta-feira passada, seu substitutivo para a Lei de Diretrizes e Bases (-LDB) da Educação.

Darcy — que foi ministro da Educação do governo João Goulart (1961-1964) — está “metido nisso” há mais de trinta anos. Por isso, é ao menos desconfortante ouvi-lo afirmar que “os brasileiros devem morrer de vergonha da educação que têm”.

Desenvolvimento — O senador, escritor, antropólogo, polemista, educador e namorador convicto — que assume ainda hoje que gosta mesmo é de namorar três mulheres ao mesmo tempo — insiste no óbvio, muitas vezes ignorado: não há desenvolvimento sem educação.

“Todos os países desenvolvidos fizeram um esforço para alfabetizar sua população. O Brasil nunca fez algo parecido”, lembra o mestre, batendo numa tecla desgastada, mas que só agora parece acionar uma culpa coletiva no País, traduzida finalmente em ação.

Na LDB aprovada, Darcy destaca que seu texto orienta os sistemas estaduais de educação a cria-

rem escolas de 1ª à 4ª séries, com um professor de turma, diferente da 5ª à 8ª série, onde os educadores se dividem por matéria.

Elogios — Essa separação para ele é fundamental. Tão importante quanto o esforço — que o senador reconhece — que o governo vem fazendo para melhorar a formação e as condições de trabalho dos professores do ensino básico.

Para Darcy, o empenho do ministro da Educação, Paulo Renato, em implantar a TV Escola, um projeto nacional de ensino a distância, é “uma das coisas mais importantes que aconteceram nas últimas décadas”.

“O ministro da Educação, depois de muitos anos, é um profissional”, avalia o senador.